

Linguística popular: da contínua necessidade de integração e de precisão

Folk linguistics: the continuing need for integration and precision

Lingüística popular: la necesidad continua de integración y precisión

Este Dossiê sobre Linguística popular/*Folk linguistics* (doravante, vez ou outra, LP/FL) dialoga interdiscursivamente com outro Dossiê publicado sobre este mesmo instigante e pouco explorado tema, publicado em dezembro de 2019 na Revista Fórum Linguístico¹. Todavia, diferentemente daquele que tinha um claro objetivo de apresentação do campo de estudos da LP/FL ao público brasileiro, este visa, por um lado, reiterar a necessidade de integração entre a LP/FL e a linguística científica e, por outro, trazer algumas precisões a esse domínio da LP/FL, ainda nascente em solo brasileiro. Precisões que se dão no âmbito do recorte dos objetos de estudo, das metodologias, das práticas de política linguística e de militância, das tipologias dos não-linguistas etc. Questões cruciais para este campo ainda nascente. Para dar conta desse trabalho, como no Dossiê da Fórum são mobilizados pesquisadoras e pesquisadores em diferentes estágios de formação e filiados a distintas instituições brasileiras e internacionais, engendrando partilhas acadêmicas muito *saberosas* e necessárias com base em diferentes lugares de fala.

Inaugura o Dossiê o artigo de *Daniel R. Preston*, intitulado **Métodos em Linguística Popular (aplicada): o que pensa o povo?** Preston trata da coleta e interpretação de dados em linguística popular, mas, como o título entre parênteses sugere, não se limita a qualquer noção pré-concebida de quais

¹ Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2019v16n4p4254>



abordagens ou técnicas podem ser mais relevantes para a ampla variedade de preocupações no âmbito da linguística aplicada. O autor concebe a linguística popular amplamente aqui, incluindo não apenas os comentários que os não-linguistas fazem sobre os tópicos linguísticos, mas também, as reações que eles têm a variedades de linguagem e uso da linguagem, incluindo respostas abertas e subconscientes. Em outras palavras, as descobertas da psicologia social da linguagem (ou seja, estudos de atitude) são consideradas parte da linguística popular, juntamente com dados derivados de um discurso mais consciente ou de funções operacionais. Esta é uma posição diferente daquela que atribui o rótulo de “linguística folk/popular” a respostas mais conscientes e “atitudes de linguagem” a outras relativamente mais inconscientes.

Na sequência no artigo **Uma introdução sobre a linguística popular da política de línguas**, de *Nathan Albury*, parte-se da asserção de que os indivíduos de uma comunidade de falantes se ocupam de política de línguas. Eles interpretam e aplicam saberes populares e crenças sobre linguagem para dar vida a políticas linguísticas, e até mesmo criam medidas para resolver dilemas locais da língua. Esses indivíduos são, de fato, linguistas populares. A linguística popular examina as várias formas como um povo, sem formação acadêmica em linguística, desempenha a linguística como ciência. Porém, no caso da política de línguas, a linguística popular tem se reservado a investigar a dinâmica sociocultural que diz respeito à vida pública. O autor propõe uma concepção holística da política de línguas dentro do programa de pesquisa da linguística popular. Isso possibilita um paradigma mais amplo para analisar não apenas o que o povo entende a respeito da política de línguas, mas também que tipo de conhecimento popular existe sobre políticas linguísticas, e quais saberes e crenças são aplicados por linguistas populares para desenvolver as políticas de línguas.

No artigo **Ticos autênticos... que não falam espanhol”: ideologias sobre as línguas minoritárias e a diversidade linguística da Costa Rica**, *Carlos Sánchez Avendaño* analisa algumas ideologias linguísticas em fontes escritas (discurso acadêmico, imprensa escrita, textos escolares e crônicas de viagem), em relação às línguas indígenas costa-riquenhas, ao inglês crioulo limonense e à língua de sinais costa-riquenha. Avendaño explora com detalhes os seguintes eixos ideológicos: a superioridade linguística e os tipos de línguas, a relação entre linguagem e capacidades cognitivo-intelectuais, a conexão entre variação idiomática e escrita, e a relação entre língua e identidade.

No quarto texto, *Atílio Butturi Junior*, no artigo intitulado **Um folk-Foucault?** busca refletir sobre a pertinência de discutir se Michel Foucault não era um linguista e que tampouco poderia ser considerado um *outsider* ou um pensador *naif* da linguagem. Estritamente, para Butturi, o pensador francês tem textos dedicados diretamente à constituição do campo estrutural da linguagem, textos sobre a inscrição da linguagem como literatura, textos metodológicos que se dispunham a enfrentar o problema da linguagem e do discurso, textos em que a linguagem é lida como um dispositivo de hermenêutica de si ou de subjetivação. É esse lugar ocupado por Michel Foucault que interessa ao autor, inicialmente, para produzir o questionamento que move este escrito: em que medida há uma questão folk em Foucault, levando em consideração os espaços institucionais de onde falava e a constituição de seus saberes sobre a linguagem e a língua?

Marcelo Rocha Barros Gonçalves e Livia Maria Falconi Pires, no quinto texto, intitulado **Amadeu Amaral e a questão da identidade: uma pequena**

homenagem ao centenário d'O Dialeto Caipira, partem da asserção de que Amadeu Amaral (1920), sempre referenciado como seminal nos estudos dialetológicos do Português do Brasil pela Linguística Brasileira, completa um século neste ano de 2020. Neste artigo, os autores analisam a questão da identidade do caipira a partir dos delineamentos da Linguística Popular (NIEDZIELSKI E PRESTON, 2003) e apresentam uma pequena homenagem ao autor paulista e sua obra. A partir da própria definição de *Caipira* proposta n'O *Dialeto*, definição esta que apresenta a questão de identidade como uma propriedade categórica, os autores buscam verificar a persistência de marcas de subjetividade (e não apenas linguísticas) no falar e no viver destes habitantes do interior de São Paulo.

No sexto artigo intitulado **Interlíngua e códigos languageiros da língua dos sapateiros de Passos, de autoria de Samuel Ponsoni, André Terra Oliveira Loureiro e Raquel Tavares Garbini**, os autores realizam uma compilação, organização e interpretação teórica da chamada língua(gem) dos sapateiros, uma forma de manifestação linguística, que já foi bastante utilizada por determinados grupos sociais ligados à classe de trabalhadores de sapateiros, da cidade de Passos, Minas Gerais, mas que, ao longo do tempo, em razão do próprio declínio dessa profissão, resta apenas circunscrita a alguns sujeitos-falantes que ainda detêm tal saber linguístico. Nesse sentido, por meio dos dados obtidos, ora os autores uma proposição teórica-hipotética de analisar essa língua dos sapateiros não como uma variedade linguística, mas sim como um código linguagem em uma interlíngua, produzida no saber linguístico dos sujeitos-trabalhadores ligados a esse universo de significações das sapatarias passenses. Portanto, responder a essa hipótese teórica se faz o principal objetivo deste trabalho.

Por fim, no ensaio **Racismo estrutural no Brasil: lugares parciais de fala, pré-construído e Linguística popular/Folk linguistics**, Roberto Leiser Baronas discute o uso que tem sido feito do conceito de *racismo estrutural*, que busca descrever e explicar, de um ponto de vista sociológico, as razões pelas quais, nós brasileiros somos racistas desde alhures. Para tanto, o autor mobiliza dois outros conceitos, a saber, lugares parciais de fala e pré-construído (Pêcheux, 1975). Baronas realiza também uma pequena digressão asseverando que o conceito de *racismo estrutural* tal qual o conceito de classe social da maneira como vem sendo mobilizado, especialmente nas mídias, está completamente esvaziado de sua “potência de ação” transformadora da sociedade (Butler, 1997), contribuindo, mesmo que de maneira inadvertida, para a propagação do mito da democracia racial brasileira. Por último, o autor ressalta o papel social militante da Linguística popular/*Folk linguistics* na construção de uma sociedade igualitária, decente.

Agradecemos vivamente a todos/as pareceristas que com muito esmero nos ajudaram a apresentar aos interessados/as em questões de linguagem artigos com menos problemas, sobretudo àqueles que ficam escondidos nos cantos dos textos. Agradecemos também à Editora do periódico Estudos da Língua(gem), Profa. Dra. Maria da Conceição Fonseca-Silva, bem como o egrégio Conselho Editorial, o espaço acadêmico, para que colocássemos mais um pouco de concreto no processo de fundação desse novo campo nos estudos da linguagem, que é o da Linguística popular/*Folk linguistics*, instigando outros/as

pesquisadores/as a propor outros trabalhos acerca da(s) temática(s) aqui perquirida(s).

*São Carlos, UFSCar, e Vitória da Conquista, UESB,
em meio a Pandemia da COVID19, inverno de 2021.*

*Roberto Leiser Baronas
Livia Maria Falconi Pires
Marcelo Rocha Barros Gonçalves
Tamires Cristina Bonani Conti
(Organizadores)*